

LITERATURA DE RESISTÊNCIA: VOZES DO SUJEITO SUBALTERNO EM “O CONTRÁRIO DE B.”, DE BRUNO LIBERAL

Jéssica Florentino Soares da Silva¹

oultimopar@gmail.com

Orientadora: Josi Maria Silva Belo²

josi.belo@garanhuns.ifpe.edu.br

RESUMO

Esta pesquisa analisa a obra *O contrário de B.*, de Bruno Liberal, a partir da perspectiva da literatura de resistência, compreendendo a literatura como um espaço simbólico de denúncia e de visibilização de experiências historicamente marginalizadas. O *corpus* da investigação é o conto homônimo, que narra a trajetória de um adolescente negro em situação de rua, cuja existência é marcada pela fome, pelo abandono e pela negação de sua humanidade. A análise fundamenta-se, sobretudo, na concepção de Alfredo Bosi (1996), para quem a resistência literária constitui um gesto ético realizado por meio da estética, ao tornar visíveis narrativas e sujeitos silenciados pelos sistemas de poder. O estudo dialoga ainda com a crítica pós-colonial, especialmente com Gonçalves e Bonnici (2010), evidenciando as tensões entre centro e periferia e a permanência de hierarquias forjadas pela colonialidade. Ademais, mobiliza-se a reflexão de Gayatri Spivak (2010) acerca do sujeito subalterno, cujo silenciamento resulta de estruturas históricas e discursivas que restringem sua possibilidade de fala e agência. Conclui-se que a narrativa de Bruno Liberal expõe os mecanismos de exclusão e do racismo estrutural, ao mesmo tempo em que reafirma a literatura como um espaço privilegiado de resistência ética e estética, capaz de restituir visibilidade a sujeitos sistematicamente marginalizados na contemporaneidade.

Palavras-chave: Literatura de resistência. Sujeito subalterno. Racismo estrutural. Crítica pós-colonial. Bruno Liberal.

¹ Mestra em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (2024). Pós-graduada em Linguagem e Práticas Sociais pelo IFPE – Campus Garanhuns (2025). Graduada em Letras – Português/Inglês (2020) pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

² Doutora em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Professora e pesquisadora do IFPE – Campus Garanhuns.

ABSTRACT

This study analyzes *O contrário de B.*, by Bruno Liberal, from the perspective of resistance literature, understanding literary discourse as a symbolic space for denunciation and for the visibility of historically marginalized experiences. The corpus of the research is the homonymous short story, which portrays the trajectory of a Black adolescent living on the streets, whose existence is marked by hunger, abandonment, and the systematic denial of his humanity. The analysis is primarily grounded in Alfredo Bosi's (1996) concept of resistance literature, according to which literary resistance constitutes an ethical gesture realized through aesthetic form, revealing what power structures attempt to silence. The study also engages with postcolonial criticism, particularly the contributions of Gonçalves and Bonnici (2010), highlighting tensions between center and periphery and the persistence of hierarchies forged by coloniality. Furthermore, it draws on Gayatri Spivak's (2010) reflections on the subaltern subject, whose silencing results from historical and discursive mechanisms that restrict possibilities of speech and agency. It is concluded that Bruno Liberal's narrative exposes the mechanisms of exclusion and structural racism while reaffirming literature as a privileged space of ethical and aesthetic resistance, capable of restoring visibility to subjects systematically marginalized in contemporary society.

Keywords: Resistance literature. Subaltern subject. Structural racism. Postcolonial criticism. Bruno Liberal.

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo refletir sobre o papel da literatura como ferramenta de denúncia e de resistência frente às múltiplas formas de exclusão que afetam grupos historicamente marginalizados, especialmente no que se refere às questões raciais e sociais.

Para a análise da temática proposta, foi selecionado como corpus deste trabalho o conto “*O contrário de B.*”, de Bruno Liberal, obra que retrata de forma contundente a experiência de um menino em situação de rua, à beira do colapso físico e psíquico. Aos quinze anos, o protagonista, um jovem negro, enfrenta a fome, o abandono e a indiferença social, fatores que culminam em um ato extremo de violência física contra uma jovem da mesma idade. A vítima da agressão encontra-se acompanhada de seu namorado em uma praça, trocando demonstrações de afeto enquanto B. os observa, o que provoca incômodo no rapaz, que decide confrontá-lo. No momento da reação, a jovem interpõe-se à frente do namorado e acaba sofrendo as agressões destinadas a ele, enquanto o rapaz permanece estarecido diante da violência. Cabe destacar que, em momentos anteriores, o casal havia rido da condição de miséria de B. e o fotografado, reforçando sua exposição e humilhação. Esse episódio, contudo, não é interpretado como um acontecimento isolado, mas como uma resposta à invisibilidade social imposta ao protagonista por uma estrutura que o desumaniza, negando-lhe reconhecimento enquanto sujeito de direitos, portador de emoções e de dignidade.

A leitura do conto se apoia na teoria da literatura de resistência fundamentada por Bosi (1996). Essa resistência presente na narrativa é entendida em sua raiz ética, não nasce como um gesto estético deliberado, mas como um movimento íntimo do sujeito que confronta forças que lhe são externas. Ou seja, ainda que resistir signifique insistir, manter-se firme diante da pressão, a criação artística e, portanto, a literária não costuma brotar dessa vontade consciente de oposição, mas mora nos detalhes.

No conto, essa distinção entre “resistência ética e criação estética” (Bosi, 1996) se evidencia na própria forma como o protagonista lida com suas experiências internas. A narrativa, para Bosi (1996), não nasce de um ato de força ou de enfrentamento consciente, mas de um mergulho sensível nas brechas da memória, nos detalhes aparentemente banais que revelam tensões profundas. Na literatura de resistência a personagem não “resiste” no sentido ético clássico, não se coloca contra uma força externa por pura determinação; em vez disso, ela constrói, por meio da imaginação e da percepção aguçada, um espaço onde pode reorganizar suas dores e inquietações. Assim, como pode-se perceber no conto aqui analisado, a arte surge menos da vontade de confrontar e mais das potências do conhecer: é a intuição que guia a leitura do mundo, a memória que reconfigura o passado e a imaginação que cria significados onde antes havia apenas desassossego. A resistência, portanto, emerge como consequência, e não como origem da expressão artística, reforçando que a estética brota do sensível, e não da força.

Outra abordagem crítica utilizada na análise é a pós-colonial que problematiza os efeitos históricos, sociais e culturais do colonialismo, questionando as identidades impostas, os regimes de poder e os processos de exclusão que se perpetuam na contemporaneidade. De acordo com Gonçalves e Bonnici (2010, p. 152), esse tipo de narrativa frequentemente apresenta uma dicotomia entre o colonizador —

representado como civilizado e superior — e o colonizado — concebido, sob a ótica dominante, como degenerado e carente de civilização. No conto, essa lógica se expressa na oposição entre o jovem negro e periférico, B., e os moradores do centro de Petrolina, majoritariamente brancos, que ocupam o lugar de poder e dominação. A narrativa, assim, revela as tensões entre periferia e centro, entre exclusão e privilégio, evidenciando como a literatura pode dar voz às experiências silenciadas e denunciar os mecanismos de opressão ainda vigentes.

Por fim, para aprofundar a compreensão do silenciamento que atravessa a trajetória de B., este artigo se apoia na teoria do subalterno, especialmente nas reflexões de Gayatri Chakravorty Spivak (2010). Em seu ensaio a autora problematiza a possibilidade de sujeitos marginalizados — como mulheres, negros e pobres — serem efetivamente ouvidos em contextos estruturados por discursos coloniais e eurocêntricos. Para Spivak (2010), o subalterno não fala de forma autônoma dentro dessas estruturas, pois sua voz é apagada ou mediada por mecanismos que reforçam a lógica do poder dominante. Essa perspectiva teórica contribui para a leitura do conto, no qual o narrador em 3ª pessoa assume totalmente a descrição dos eventos enquanto o silêncio da personagem B. é uma resposta à impossibilidade de ser plenamente representado dentro de um sistema que o desumaniza.

Também são fundamentais, neste contexto, as contribuições de Maria José Lopes Gonçalves e Thomas Bonnici (2010), estudiosos da literatura pós-colonial, que discutem como os efeitos da colonialidade permanecem vivos em sociedades como a brasileira, sustentando hierarquias raciais, sociais e simbólicas. Os autores destacam como o discurso colonial constrói a oposição entre o centro — associado ao poder, à branquitude e à civilização — e a periferia — vinculada ao atraso, à violência e à exclusão. Essa lógica se manifesta na estrutura do conto ao expor relações assimétricas entre os que têm o poder de nomear e os que são reduzidos a estereótipos.

A análise da narrativa considera, portanto, não apenas sua dimensão temática, mas também os recursos linguísticos e literários que revelam as marcas da colonialidade e a persistência do racismo estrutural. Por meio desses elementos, o conto evidencia como a literatura pode tensionar os limites da representação e dar visibilidade a formas silenciosas — mas potentes — de resistência.

1. A LITERATURA COMO RESISTÊNCIA DO SUJEITO COLONIAL

A literatura contemporânea brasileira tem se configurado como um importante espaço de denúncia das mais diversas violências históricas e estruturais que atravessam a sociedade, sobretudo aquelas relacionadas às desigualdades raciais e sociais. Nesse contexto, destacamos o conto “O contrário de B”, do autor Bruno Liberal, o qual se apresenta como uma narrativa simbólica e impactante, revelando os efeitos duradouros da colonialidade do poder sobre sujeitos negros e periféricos.

Através da história de um menino sem nome, a narrativa expõe um sistema que legitima e perpetua a exclusão social, a criminalização e a violência dirigida contra a juventude negra. O conto revela como os resquícios da colonização ainda

operam nas dimensões mais íntimas da identidade, sustentando mecanismos de silenciamento, apagamento e desumanização dos corpos subalternizados.

“*O contrário de B.*” é o terceiro conto da coletânea homônima do autor pernambucano Bruno Liberal. Ele foi inicialmente divulgado pela Revista Blecaute em 2014 e posteriormente publicado em 2015 pela editora Confraria do Vento, no Rio de Janeiro, o livro aborda, em treze narrativas curtas, temáticas sociais urgentes, explorando os efeitos da marginalização, da desigualdade e da violência estrutural.

Com uma linguagem direta e sensível, Liberal (2014) dá voz a personagens que habitam os limites da cidade e da sociedade, evidenciando o impacto de relações de poder, especialmente aquelas marcadas por questões de classe, raça e território. No centro da trama analisada está um menino da periferia cuja identidade nunca é revelada — não há nome, sobrenome, apenas uma letra que o representa: “B”. O título “*O contrário de B.*” já anuncia esse apagamento simbólico: o personagem está à margem da linguagem, não pertence ao alfabeto que estrutura o mundo. A ausência de um nome próprio para o protagonista reforça sua condição de subalternidade, nos termos discutidos por Spivak (2010), ao problematizar a possibilidade de sujeitos marginalizados serem ouvidos dentro de estruturas dominadas por discursos hegemônicos. Essa escolha narrativa evidencia, desde o início, a perspectiva de quem está socialmente invisibilizado, tornando o conto um espaço de análise das relações de poder e exclusão presentes na sociedade.

No caso do menino, não se observa apenas a negação da fala, mas uma impossibilidade mais profunda: a de ser escutado, percebido e reconhecido como alguém cuja vida importa. Essa condição reforça a ideia de que o sujeito subalterno “não tem liberdade de expressão nem voz, tornando-se totalmente deslocado” (Gonçalves; Bonnici, 2010, p. 153) dentro da estrutura social. Para os moradores da elite de Petrolina, onde a narrativa é ambientada, a presença de B. — assim como a de tantos outros que compartilham de sua condição — é, no mínimo, irrelevante; em muitos casos, é percebida como incômoda ou até ameaçadora. Em vez de receber qualquer gesto de solidariedade, ele é alvo de olhares de desconfiança, agressões verbais e até físicas, além do medo que sua mera existência parece provocar naqueles que ocupam espaços de privilégio. No trecho a seguir, evidencia-se o preconceito arraigado e o medo irracional que a figura de B. desperta em uma mulher da classe média, mesmo quando sua abordagem é pacífica e motivada apenas pela necessidade de conseguir dinheiro para comer.

Ela vê B. do lado de fora do carro, daquele jeito, batendo no vidro e fica com medo. Assusta-se. Trava as portas. Pensa que esse cara vai arrancá-la dali e fazer uma maldade. Ele é negro. É sujo. Vai machucá-la, com certeza. B. bate no vidro e pede algum trocado. Ela liga o carro se tremendo toda. Ele se afasta um pouco e bate de novo. Mais forte. Ela nervosa, o carro falhando. B. fica olhando a cena. A mulher nervosa tentando sair do estacionamento. Indo para frente e para trás. Ela olha B. a todo instante. Vê nos olhos dela o desespero. Ela bate várias vezes nos dois carros e consegue sair dali gritando pneu. B. dá um sorrisinho. B. é feio, tem cara de doido. Queria dinheiro para comprar um pacote de biscoito. Gosta do sabor morango (Liberal, 2014, p. 7).

A reação de pânico diante da presença do menino, que não demonstra qualquer sinal de ameaça, revela como a cor da pele e a aparência física ainda funcionam como marcadores de perigo, reproduzindo estigmas profundamente

enraizados no imaginário social. O narrador onisciente torna claro que B. compreende esse tipo de resposta. A forma como ele assimila a rejeição, sem surpresa ou indignação, indica o quanto está habituado a ser percebido como uma ameaça, independentemente de suas ações. Sua postura revela um sujeito já desgastado pelas sucessivas negações, que não luta mais por reconhecimento, mas apenas pela sobrevivência em meio à hostilidade que enfrenta cotidianamente.

Tal condição pode ser compreendida como uma forma de objetificação do ser, processo que “consiste na negação da individualidade e da subjetividade do colonizado, fazendo que seja percebido como um ser genérico” (Souza, 1994, p. 63, apud Gonçalves; Bonnici, 2010, p. 153). Nesse contexto, B. encarna um corpo marcado pelas cicatrizes da colonialidade, um sujeito historicamente silenciado, que não exige mais os seus direitos, apenas tenta satisfazer necessidades básicas, como a alimentação, ainda que sem sucesso.

Observa-se também, na escrita de Liberal o uso recorrente de frases nominais curtas entrecortadas, recurso linguístico que desempenha papel central na construção da experiência narrativa e na representação do estado psicológico das personagens. Tais escolhas conferem ao texto um ritmo fragmentado, capaz de refletir percepções e sensações subjetivas de forma intensa, ao mesmo tempo em que aproximam o leitor da vivência imediata das personagens.

No trecho analisado, em que a protagonista se depara com B. do lado de fora do carro, a fragmentação da narrativa contribui para transmitir o medo e a tensão imediata vivenciados pela personagem. As frases curtas interrompem o fluxo contínuo da narrativa, simulando a aceleração do pensamento e da respiração, enquanto as frases nominais — “Ele é negro. É sujo.” — isolam características percebidas de forma quase instantânea, conferindo ênfase e carga emocional a cada detalhe. Esse uso produz um efeito de zoom narrativo, aproximando o leitor da subjetividade da protagonista e tornando palpáveis suas impressões imediatas e seus julgamentos rápidos. Além disso, a narrativa articula simultaneamente medo, preconceito e tensão, criando uma experiência de leitura que espelha o ritmo psicológico da personagem.

Desde o início da narrativa, o personagem é descrito como alguém que perdeu a esperança e vive em uma condição de esgotamento físico e emocional:

O tempo todo nessa mesma velocidade. Atropela tudo. Atropela devagar. Dolorosamente. Passando por cima de cada osso do corpo. Não incomoda, mas dói. Ele olha para cima. Para o azul. Protege os olhos com a mão. Percebe que não há vento, há sol. Um sol muito perto da cabeça. Um sol que fica posicionado a uns dois metros da cara de B. Sente isso queimando a pele. Sente isso com o cheiro do asfalto flutuando. Quase dá para pegar o sol e comê-lo. B. está cansado. Extremamente (Liberal, 2014, p.6).

B. não sente mais a fome como sensação, mas como estado permanente. Ainda assim, mesmo diante da recusa e do medo que demonstra a mulher diante dele, B. insiste/resiste, não por rebeldia, mas porque sua existência depende disso. Nesse trecho da narrativa, observa-se mais um ato simbólico de resistência no qual o protagonista “opõe a sua força à força alheia” (Bosi, p. 11, 1996). O fracasso da tentativa do personagem em conseguir alimento acentua a densidade trágica da narrativa, conferindo-lhe um caráter de denúncia estética diante da brutalidade social

representada. A cena opera como síntese do colapso simbólico da dignidade humana, revelando, por meio de recursos literários, como a exclusão se torna parte do cotidiano, de forma naturalizada e silenciosamente legitimada.

No excerto destacado, em que se descreve a experiência sensorial de B., o mesmo recurso é empregado para intensificar a percepção do corpo e do ambiente: A fragmentação reflete a oscilação entre lentidão e intensidade, característica da sensação dolorosa e da percepção prolongada do personagem. Já as frases nominais: “Para o azul. Um sol muito perto da cabeça. Extremamente. ”, isolam elementos específicos da experiência sensorial, permitindo que o leitor absorva cada detalhe de forma isolada e quase tangível. Ao explorar sensações visuais, térmicas e corporais, Liberal (2014) aproxima o leitor da vivência subjetiva do personagem, oferecendo uma narrativa que privilegia o tempo interno das experiências, mais do que a cronologia objetiva dos eventos.

O uso de frases entrecortadas e nominais curtas cumpre uma função tanto narrativa quanto estética: reproduz o ritmo psicológico das personagens, intensifica a tensão e a vivacidade das cenas, e reforça a proximidade entre linguagem e experiência. A fragmentação sintática, longe de ser apenas um recurso formal, atua como instrumento de mediação entre leitor e narrativa, traduzindo de maneira precisa estados de medo, ansiedade, dor e atenção minuciosa às percepções sensoriais das personagens.

Por meio desse estilo, Liberal (2014) constrói uma narrativa imediata, sensorial e psicológica, na qual o ritmo do texto espelha o ritmo da experiência vivida, permitindo que o leitor compartilhe, de forma intensa, o espaço físico e emocional dos personagens marginalizados.

Um carro muito limpo e branco para no sinal.

B. olha o carro com sua limpeza e brancura e perfeição e esplendor e tamanho e rodas muito pretas, brilhantes. Fica triste.

Não.

Sempre estive (triste).

E aquilo de tanta limpeza e brancura chama suas lágrimas. Chama gritando, misturando-se com as vozes que nunca param.

Mas as lágrimas não caem. Não poderiam.

Não dá para ser algo que não existe dentro. Não dá para ser sentimento abortado. As lágrimas foram abortadas um dia, como ele mesmo (Liberal, 2014, p.6).

A subjetividade do menino negro é marcada por um apagamento profundo, simbolizado pela expressão “lágrimas abortadas”. Essa metáfora indica não apenas a ausência física do pranto, mas sobretudo a impossibilidade de que suas emoções sejam plenamente experimentadas ou reconhecidas socialmente. O menino carrega uma dor interna que, por força da exclusão e da desumanização, não pode ser externada — um estado que dialoga diretamente com o conceito de subjetividade subalterna, em que o sujeito marginalizado não encontra espaço para a construção plena de sua identidade emocional e simbólica.

Esse aborto simbólico da subjetividade revela uma existência precária, em que B. está constantemente à margem da sociedade, privado do direito fundamental

de sentir e expressar a própria humanidade. O ato de não permitir que as lágrimas caiam, é também uma forma de resistir. A obra de Alfredo Bosi, especialmente em *Dialética da Colonização* (2007), discute como o processo colonial não apenas submete os corpos dos colonizados, mas também os desumaniza ao negá-los como sujeitos plenos, privando-os de autonomia sobre suas vozes e representações. Esse processo de desumanização tem um impacto profundo na identidade do colonizado, que é reduzido a um objeto de controle e exploração. Bosi (2017) sugere que o silenciamento não se dá apenas através da violência física, mas também pela violência simbólica, que impede o sujeito de expressar sua subjetividade.

A análise também se fortalece com as contribuições de Denise Ferreira da Silva (2007), que evidencia a produção da negação da interioridade do negro no sistema colonial moderno — condição que se manifesta na impossibilidade das lágrimas de B. caírem, pois, tais sentimentos foram “abortados”. Assim, o conto de Bruno Liberal não apenas denuncia a exclusão social e racial, mas também expõe o impacto simbólico e emocional desse processo de apagamento na formação da subjetividade. A criança negra de rua torna-se um corpo que resiste, mas cujo sofrimento é abafado — um sujeito cuja existência é um ato de luta silenciosa.

Além disso, o emprego recorrente de adjetivos e de figuras de oposição, como a antítese, intensifica a construção da dicotomia que atravessa o conto. O carro branco e “muito limpo”, que surge na narrativa, adquire valor simbólico ao representar a hegemonia racial e social que organiza e controla o espaço urbano. A brancura excessiva do veículo, associada à ideia de ordem, pureza e perfeição, não se limita a uma descrição objetiva, mas opera como signo ideológico de um sistema que se impõe pela exclusão e pela hierarquização dos corpos. Nesse sentido, estabelece-se uma antítese contundente entre o automóvel — limpo, íntegro e luminoso — e a condição de B., marcada pela sujeira, pelo desgaste físico e pela vulnerabilidade extrema, evidenciando o abismo social que estrutura a narrativa.

A descrição minuciosa do carro é reforçada pelo uso expressivo do polissíndeto, perceptível na enumeração “e sua brancura, e perfeição e esplendor”, recurso que confere ritmo ao texto e intensifica a carga semântica da imagem construída. A repetição da conjunção “e” produz um efeito de acúmulo que sugere não apenas abundância material, mas também excesso simbólico, como se a perfeição atribuída ao objeto se impusesse de forma insistente e quase opressiva. Tal escolha estilística contribui para a sensação de obstinação e de sufocamento que atravessa a experiência de B., reforçando a assimetria entre aquilo que se exhibe como pleno e aquilo que é relegado à escassez.

Dessa forma, o polissíndeto não atua apenas como ornamento retórico, mas como estratégia discursiva que amplia o contraste antitético central do conto. Ao sobrepor imagens de limpeza, esplendor e brancura à realidade de abandono e esgotamento do protagonista, a narrativa evidencia os mecanismos de naturalização da desigualdade e do racismo estrutural. A oposição entre esses dois polos — o do privilégio silenciosamente celebrado e o da miséria invisibilizada — revela como o espaço urbano se organiza a partir da exclusão, tornando a antítese e o polissíndeto recursos fundamentais para a construção estética e crítica da obra.

O excerto reforça ainda a crítica à colonialidade do poder, que mantém a branquitude como ideal de pureza, ordem e sucesso (Mbembe, 2018). O impacto emocional que o carro provoca em B — tristeza misturada a uma dor que não pode ser expressa — mostra como os símbolos da hegemonia racial são ao mesmo

tempo desejados e fonte de sofrimento para o sujeito subalterno. O carro representa o mundo que B não pode habitar, evidenciando a sua marginalização fora da “roda-gigante”.

Outro ponto importante a destacar é o foco narrativo em 3ª pessoa funcionando como uma ferramenta ambígua que tanto aproxima quanto distancia o leitor do protagonista. O narrador onisciente que não dá voz plena a B, acaba reforçando o apagamento simbólico do personagem, mas simultaneamente expõe sua interioridade fragmentada e suas sensações desconexas. Essa escolha narrativa não é inocente, ela reflete a condição do sujeito subalternizado, cuja agência é reduzida e cuja existência é invisibilizada, pois B. não exerce o direito de narrar sequer a sua própria história. Ao optar por esse distanciamento, o narrador reproduz a tensão entre visibilidade e silêncio que permeia a experiência dos marginalizados, conforme discutido por Spivak (1988). O narrador observa, mas não intervém para dar voz definitiva; ele representa o sistema social que limita o espaço de fala e reconhecimento do sujeito subalterno. Essa estratégia reforça a crítica social implícita no conto e torna a leitura um exercício de atenção sensível ao que é silenciado.

B. é uma pedra no chão que pode voar na cabeça de outros B's. Está na rua do colégio Dom Bosco andando para não morrer pedra.

Vê dois namorados se beijando.

Devem ter a mesma idade que ele.

Ele se aproxima. Fica muito perto. Quase consegue sentir o hálito misturado dos dois. Eles se assustam. A mocinha dá um grito. B. diz assim: 'você é meu contrário'. Diz com sua voz de pedra. Um som que mistura todas as vozes de dentro como se esses gritos convergissem para essa frase.

E leva um murro.

Ele sangra e ri. Percebe que não sente dor. Sente apenas uma sensação de congelamento. Uma anestesia local. Mas a raiva toma-o. E as vozes continuam.

B. parte para cima do rapaz. Quer matá-lo.

A garota entra na frente.

Ele bate nela. Agarra seus cabelos e esfrega sua cara no chão. Esfrega mesmo, ralando a pele branca da face. Transformando o rostinho angelical em demônio. Fica uma mancha de sangue na calçada. B. está louco, desconta toda sua raiva na garota.

O rapaz valente fica paralisado. Sente o medo de B. invadi-lo também. Percebe nos olhos de B. o vulcão, a solidão, a fome, a vítima, o assassino. O rapaz entra num estado de estupor.

B. esfrega a cara da garota e puxa seus cabelos.

B. ri. Dentes pretos, sujos, amarelos.

Esfrega, puxa e bate.

Com violência (Liberal, 2014, p. 8).

O clímax do conto apresentado no trecho revela o momento em que B. rompe com a passividade que o acompanhava até então e reage às violências que enfrenta cotidianamente. Diante do ataque das crianças do Colégio Dom Bosco — que ele

chama de “pombos brancos” — o protagonista, mesmo enfraquecido pela fome e pelo abandono, encontra uma forma de resistir. Ainda que sua reação se manifeste através de um gesto extremo e violento, ela carrega um significado mais profundo: trata-se da tentativa de recuperar a própria identidade diante de um sistema que o reduz à invisibilidade. Aqui, poderíamos afirmar, na esteira de Gonçalves e Bonnici (2010, p. 154), que “essa atitude simboliza o resgate da sua identidade e a superação do seu estatuto de objeto”.

É essencial ressaltar que o silêncio de B. durante a narrativa está longe de ser uma mera ausência de comunicação, este se configura como uma forma de resistência ativa e uma afirmação de sua presença em um contexto de profunda marginalização. Embora sua enunciação verbal só ocorra no final da narrativa, o silêncio se apresenta como uma maneira de desafiar a invisibilidade a que é submetido. Nesse sentido, a falta de palavras não representa passividade, mas um protesto contra as estruturas de poder e, sobretudo, uma manifestação de luta contra a subordinação a um sistema que o nega enquanto sujeito digno de reconhecimento.

A teoria de Jacques Rancière sobre a partilha do sensível (2009) oferece um ponto de partida relevante para a compreensão dessa dinâmica. Rancière (2009) argumenta que a sociedade distribui o sensível, ou seja, define o que pode ser visto, ouvido e sentido, criando uma separação entre os sujeitos que têm direito à visibilidade e os que permanecem invisíveis. No caso de B., sua ausência de fala não é apenas uma ausência, mas uma forma de contestação à hierarquia de visibilidade imposta pela sociedade. Ao não verbalizar sua presença, B. subverte essa estrutura de poder, tornando-se visível de outras maneiras, como por meio do seu corpo e de suas ações. Sua violência no clímax da narrativa, ao esfregar o rosto da menina no chão, pode ser entendida como uma ação física que expressa seu desejo de romper com o silenciamento e afirmar sua presença em um mundo que o marginaliza.

Rancière (2009) propõe que, quando silenciados, os corpos marginalizados buscam formas alternativas de visibilidade, seja por meio de gestos, atitudes ou outras manifestações físicas. A violência de B., portanto, não é um simples descontrole, mas um gesto carregado de significado, uma afirmação de autonomia diante de um sistema que o desumaniza.

Por fim, a resistência de B. não se limita à ausência de fala. Ao contrário, seu silêncio é uma linguagem por si só, que se manifesta não em palavras, mas em ações, em gestos corporais que expressam sua luta. Ao longo de toda a narrativa, o silêncio de B. se torna uma linguagem silenciosa, que, ao não ser verbalizada, se faz ouvir de maneira profunda e significativa, desafiando a ordem social.

Portanto, o silêncio de B. em O Contrário de B. deve ser compreendido não como uma ausência, mas como uma resposta ativa e estratégica à marginalização. Ao longo do conto, esse silêncio se configura como uma forma de resistência. Logo, quando ocorre o momento decisivo, representado por sua única fala verbal — “você é o meu contrário” — a sua palavra adquire um peso simbólico que atravessa toda a narrativa. A frase não apenas revela sua percepção da desigualdade racial e social entre ele e a menina branca, mas também evidencia a estrutura binária que sustenta

a exclusão: de um lado, o que é visto como normal, protegido e legítimo; do outro, aquilo que é rejeitado, ameaçador e silenciado.

Segundo Gonçalves e Bonnici (2010), esse processo é um dos efeitos do discurso, que apaga a subjetividade de sujeitos racializados, transformando-os em figuras invisíveis dentro da ordem social dominante. Portanto, ainda que marcada pela dor e pela marginalidade, a fala de B. representa uma forma de resistência. Ela rompe o silêncio imposto e denuncia, com força simbólica, as estruturas de exclusão que se perpetuam na sociedade brasileira. Mais do que uma frase isolada, é um ato de afirmação diante da lógica que insiste em negá-lo como sujeito, como humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conto de Bruno Liberal, ao retratar o sofrimento de um adolescente de quinze anos em situação de rua, provoca no leitor um impacto que combina reflexão, comoção e choque. A narrativa, analisada tanto pela perspectiva da literatura de resistência quanto pelo viés pós-colonial, evidencia a permanência do racismo estrutural na sociedade brasileira e reforça a responsabilidade coletiva diante dessa realidade. Ao fazê-lo, expõe com firmeza e sutileza nossa condição de sujeitos historicamente colonizados, ainda marcados pela reprodução de hierarquias sustentadas pela cor da pele e pela desigualdade socioeconômica.

Nesse cenário, a literatura assume papel decisivo: revelar e denunciar as diversas formas de violência — explícitas ou simbólicas — por meio de recursos linguísticos, como antíteses, polissíndetos e metáforas. Essas estratégias ajudam a evidenciar no texto literário a continuidade das lógicas de colonialidade que estruturam o cotidiano brasileiro e que, muitas vezes, passam despercebidas sob um falso senso de normalidade.

Diante disso, torna-se indispensável reconhecer e nomear os múltiplos “Bs” que simbolizam aqueles atingidos pelas exclusões sistemáticas do país, garantindo-lhes direitos fundamentais, como igualdade e dignidade. Nesse ponto, é pertinente recordar Bosi (1996): a literatura de resistência não se apoia apenas na argumentação racional, mas na força estética capaz de transformar em imagem aquilo que a realidade opressora tenta silenciar — dores, memórias, desigualdades e injustiças. A intuição artística, ao acessar zonas profundas da experiência humana, dispensa comprovação empírica para produzir verdades significativas.

Assim, ao construir narrativas que desestabilizam discursos hegemônicos e iluminam vidas marginalizadas, a literatura reafirma seu papel de resistência. Sua potência não reside no factual, mas na capacidade de revelar, pela via intuitiva e estética, aquilo que a razão isolada muitas vezes é incapaz de alcançar.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. **Itinerários: Revista de Literatura**, Araraquara, n. 10, p. 11–27, 1996.

_____. **Dialética da colonização**. 5. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GONÇALVES, Maria José Lopes; BONNICI, Thomas. **Literatura pós-colonial: teorias e textos**. São Paulo: Ática, 2010.

IBERAL, Bruno. O contrário de B. **Revista Blecaute** – Literatura e Artes, Campina Grande, PB, ano 6, n. 18, fev./mar./abr. 2014. Disponível em: <https://revistablecaute.com/wp-content/uploads/2020/05/02-Conto-O-Contr%C3%A1rio-de-B-Bruno-Liberal-PE.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2025.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Tradução de Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. Tradução de Mônica Costa Netto. 2. ed. São Paulo: Editora 34; EXO experimental org., 2009.

SILVA, Denise Ferreira da. **Towards a global idea of race**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2007.

SOUZA, Márcio. **O Brasil como invenção: o processo de formação do país e a construção da identidade nacional**. São Paulo: Moderna, 1994. Citado por

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 133.